

Maria Ribeiro

mmvelasquez@sapo.pt

Entre oportunidade e novidade. Manuel Coelho Baptista de Lima e o património açoriano

O presente artigo baseia-se na Dissertação de Mestrado intitulada “Colecionar na Periferia. Manuel Coelho Baptista de Lima e a Construção da Memória Açoriana (1920-1996)”, desenvolvida no âmbito do Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento da Universidade dos Açores, segundo a orientação da Professora Doutora Susana Goulart e da Professora Doutora Alice Semedo.

This article is based on the Master's Dissertation entitled “Colecionar na Periferia. Manuel Coelho Baptista de Lima e a Construção da Memória Açoriana (1920-1996)”, developed in the context of the Heritage and Museology Master degree course at Azores University, under the supervision of Professor Susana Goulart and Professor Alice Semedo.

Resumo

A génese e as condições de constituição de coleções privadas, e a sua documentação e exibição ao público na segunda metade do século XIX na periferia insular açoriana, é o tema deste texto.

Documentar a vida de Manuel Coelho Baptista de Lima, colecionador e diretor do Museu de Angra do Heroísmo durante mais de três décadas, permite acompanhar a génese e as condições da formação de coleções privadas na periferia açoriana em meados de novecentos: desde o contexto e o perfil do colecionador, às condições e características da coleção, da intenção de construção de uma memória regional dissonante do regionalismo etnográfico da primeira metade do século XX, à novidade do fazer museológico.

A incorporação do seu espólio/coleção privada num acervo público (coleção complexa, heterogénea e vasta), procura refletir como os museus gerem e disponibilizam acervos e adotam (ou não) sistemas de documentação e informação integrados e globais, assumindo o museu como centro produtor e propiciador da construção de conhecimento.

Palavras chave

Colecionismo, Coleções Privadas, Açores, Manuel Coelho Baptista de Lima, Sistemas Integrados de Documentação em Museus Bibliotecas e Arquivos.

Nota biográfica

Maria Manuel Velásquez Ribeiro - Licenciada em História, Pós-graduada em História Insular e Atlântica e mestranda em Museologia e Património - é assessora no Museu de Angra do Heroísmo. A génese e as práticas colecionistas nos Açores e os contributos exógenos de que foram objeto, as construções identitárias por via da recolha e exposição de bens da cultura material, e a gestão de coleções privadas em contexto institucional público constituem-se como interesses de investigação atual.

Abstract

The genesis and the conditions for the private collections constitution and how they were/are documented and exhibited to the public in the second half of the 19th century in the Azores is the subject of this paper.

Documenting the life of Manuel Coelho Baptista de Lima, collector and director of the Museum of Angra do Heroísmo for over three decades, allows us to track the origin and conditions of formation of private collections in the Azores in 19th century: from the context and profile of the collector, the conditions and characteristics of the collection, the intention of building a regional memory dissonant of the ethnographic regionalism of the first half of the twentieth century, the novelty of making museum.

The incorporation of his estate/private collection in a public collection (complex collection, heterogeneous and large), pursuit to reflect how museums manage and provide collections and adopt (or not) documentation systems and integrated and global information assuming the museum as a producing center and enabler of knowledge construction.

Key words

Colectionism, Private Collections, Azores, Manuel Coelho Baptista de Lima, Integrated System of Documentation in LAM.

Biographical note

Maria Velasquez Manuel Ribeiro - BA in History, Post-graduate in Insular and Atlantic History and Master in Heritage and Museology - is adviser at the Museum of Angra do Heroísmo. The genesis and practices collectors in the Azores and the exogenous inputs that were object identity constructions through the collection and exhibition of goods of material culture, and management of private collections in public institutional context are as current research interests.

Introdução

A reflexão e a produção teórica sobre o pensamento e a ação em torno da proteção e salvaguarda dos bens da cultura material produzida nos e sobre os Açores, quer numa vertente de colecionismo privado quer museológico, têm sido escassas e as existentes têm, geralmente, um carácter descritivo carente de análises de síntese. Esse *deficit* dificilmente permite conhecer objetivos, estratégias e redes - informais e institucionais, ocasionais e deliberadas - dos processos da recolha e patrimonialização dos bens da cultura material e do seu contributo para a construção da memória e da identidade desta periferia insular.

De facto, além dos trabalhos monográficos que caracterizam, sumariamente, os processos individuais de alguns museus, das suas redes tutelares ou da génese das suas coleções, pouco se tem escrito sobre o interesse que os objetos têm exercido nas pessoas e da sua eventual necessidade de os colecionar, as temáticas privilegiadas, os processos e as redes de fornecedores e informantes, que se organizaram em torno desse interesse pelos objetos, as motivações e os objetivos que se pretenderam atingir ao constituir coleções, mas também sobre as biografias e percursos de colecionadores privados e/ou institucionais. Apesar dessa ausência, a constituição de coleções tem sido uma constante no arquipélago, desde a segunda metade do século XIX até à atualidade, mesmo nas ilhas mais periféricas. Por outro lado, o colecionismo privado tem sido, em grande medida, a matriz

dos acervos dos museus públicos regionais (Roteiro 2006 e Ribeiro 2012). No mesmo sentido, a inexistência de estudos dessas coleções e dos seus mentores, “biografias”, na aceção que lhe confere Igor Kopytoff (1986, 66), e o seu papel (mais ou menos valorizado) nas instituições públicas que integraram, não tem sido avaliado e, por esse motivo, não tem contribuído para a (re)construção das respectivas identidades e missões.

Este conjunto de razões aplica-se ao caso do Museu de Angra do Heroísmo (MAH). A génese do acervo do MAH resulta do empenhado esforço de um grupo de intelectuais angrenses que, na década de 40 do século XX, em torno de Luís da Silva Ribeiro, mentor e líder do então criado *Instituto Histórico da Ilha Terceira* (IHIT) (1942), arquiteta um ambicioso plano de ação cultural, que procura agir em face das lacunas apresentadas no recém-publicado *Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes*. Desde logo, a ideia da salvaguarda dos bens patrimoniais do distrito foi consubstanciada na criação de um arquivo e de um museu que, efetivamente, se concretizou: o primeiro em 1948 (Decreto-Lei N.º 36842); e o segundo em 1949 (Decreto-Lei N.º 37358).

A principal preocupação do plano dos fundadores delineava-se desde 1940, unicamente em torno do campo disciplinar da etnografia (Ormonde 2000), quando Luís Ribeiro submete à Junta Geral o plano para um museu (Ribeiro 1940). Filia a sua proposta no modelo oitocentista dos museus como organismos indispensáveis ao desenvolvimento

da indústria, do comércio e da agricultura nacionais (Gouveia 1997, 29-91) que inspirara, anteriormente, a primeira e efêmera experiência museológica terceirense, o *Museu Terceirense*, criado por Alvará de 17 de Março de 1877 (Martins 2003, 341-386). Com a sua proposta, Luís Ribeiro abre caminho à instalação do primeiro museu regional nos Açores, que então se denominava *Museu Regional de Almeida Garrett*, numa associação nominal a valores de testemunho histórico e, na sua natureza, entendido como instrumento de cultura: “[Os museus] são instrumentos de cultura, verdadeiros organismos vivos com uma alta função social a desempenhar. Se assim não for, nada justifica a sua existência. (...) Para cabalmente desempenhar a sua função o museu deve reunir tudo o que, não estando no seu lugar próprio ou não fazendo parte de outras coleções, seja susceptível de documentar o passado e fazer progredir o presente.” (Ribeiro 1940, 1-2).

Em 1947 as atas das reuniões do IHIT que o mencionam, já o designam como *Museu de Arte Regional* (IHIT 1947, 277) e denotam a valorização “do objeto arcaico, ou rústico” vinculada à interpretação do território do distrito de Angra (Ilhas Terceira, São Jorge e Graciosa), já que o museu deveria reunir elementos de comparação “pois só uma visão de conjunto no arquipélago pode dar justa apreciação da cultura popular de cada ilha” (Ribeiro 1949, 233-235), para o qual, efetivamente, sinalizam e recolhem peças nos meios rurais da ilha e onde também procedem, com a ajuda dos párocos e professores das localidades, a inquéritos e levantamentos de

saberes e tradições locais. Tal posição procurava contribuir para a construção do gosto e, gradualmente, para a definição da matriz material da identidade açoriana, mas igualmente para a construção dos emblemas geradores da sua autorrepresentação posterior (Leal 1997), importando salientar o papel da historiografia no estudo da cultura material.

Em constante crescimento, as ações em torno da constituição da coleção são delegadas em Frederico Lopes (outro dos fundadores do *Instituto Histórico*), que para isso estabelece contacto com Leite de Vasconcelos, do Museu Etnológico Português, prosseguindo toda a década de 40, a acumulação das recolhas sem que, contudo, houvesse qualquer preocupação de carácter museográfico e de exposição pública (IHIT 1945, 319-320). Porém, quando o museu abre, a sua primeira exposição refletirá um equilíbrio entre esta e as coleções, que entretanto foram sendo incorporadas, dando conta do campo disciplinar da História, como retrata o *Roteiro do Museu de Angra do Heroísmo* (MAH 1969). A partir de 1970, há o “apagamento” da Etnografia em termos expositivos e a valorização da História e, dentro dela, a imposição da coleção militar, quer do ponto de vista da área expositiva ocupada (MAH 1983a), quer do ponto de vista dos ritmos e valores percentuais das incorporações no acervo (MAH 1965 e 1983b).

Este panorama de inversão programática e, simultaneamente, do enorme peso de incorporações de temática militar, teve como responsável o primeiro diretor do museu,

Manuel Coelho Baptista de Lima, que durante trinta e dois anos (1949-1983), e acumulando com a direção da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo, instalou, geriu e orientou as duas instituições.

Coadjuvando na constituição de uma coleção pública, Baptista de Lima foi também um colecionador privado, de quem só a morte fez conhecer a extensão do colecionado, posteriormente incorporado no museu. Problematicando-o e às coleções a que deu corpo, pretendeu-se refletir sobre o colecionismo privado e a sua contribuição para a estruturação de um discurso identitário e das práticas e das redes que se constituíram na primeira metade do século XX anorense: uma periferia territorial, administrativa, económica e cultural, povoada por memórias de pujança e centralidade construtora de uma autorrepresentação baseada na ideia de que Angra fora “a universal escala do mar do poente”, como lhe chamara o historiador seiscentista açoriano Gaspar Frutuoso.

Acontece que, ao pretender acompanhar “o colecionador no seu contexto e nos seus processos” (Semedo 2010, 296) sentiu-se como fundamental inverter a situação da documentação da coleção, até agora paupérrima e, conseqüentemente, da pouca utilidade que dela se pode retirar, em face do desafio que se põe, presentemente, ao MAH: a constituição de um novo núcleo que albergará a coleção privada constituída por Baptista de Lima.

A natureza complexa do conjunto, esbarra com a tradicional separação de funções e conteúdos

dos organismos que guardam a memória (bibliotecas, arquivos e museus). Esta compartimentação conduz à dificuldade prática de operar a incorporação de uma coleção – que integra um conjunto de peças, mas também uma biblioteca e um arquivo pessoal – e sobre o tipo de tratamento que lhe deverá ser dispensado para que todos os seus componentes contribuam, articuladamente e de forma integrada, para o conhecimento da coleção e do colecionador e, com esses dados, ser produzido mais saber do que aquele que a soma das suas partes isoladas nos permitiria obter.

Assim, procurou-se:

- Contribuir para o conhecimento e estudo do colecionismo privado nos Açores no século XX;
- Investigar a natureza das coleções e os processos de colecionar interpretados por Manuel Coelho Baptista de Lima, quer na sua vertente privada, quer pública, compreendendo sua ação no âmbito das práticas que lhe foram contemporâneas;
- Contribuir para práticas de gestão de coleções e bens centradas na documentação e gestão integrada e na garantia da sua acessibilidade e utilidade social;
- E, acima de tudo, proporcionar que o museu reflita sobre as formas de gestão das coleções (ou a sua ausência) e procure encontrar modelos de significação, inter-operacionalização e recuperação da informação proporcionada pelas coleções.

Periferia e colecionismo: a Ilha Terceira nas primeiras décadas do século XX

Numa metodologia exploratória que envolveu pesquisa bibliográfica e inquéritos efetuados a investigadores e colecionadores locais, procurou-se conhecer os colecionadores ativos e as coleções existentes na Terceira, na primeira metade do século XX. Apuraram-se processos constitutivos onde a transferência de bens, por via de heranças e doações familiares, foi a principal modalidade de acumulação de bens em recolhas locais de proximidade, ou seja, na própria ilha. O mercado de antiguidades nos Açores, só tardiamente, e com pouco sucesso, seria praticado profissionalmente, porém dois acontecimentos parecem ter proporcionado, e até despoletado, diversas trocas fora dos limitados círculos familiares: a venda dos bens do 2.º Conde da Praia, amplamente divulgados na imprensa local durante toda a década de 90 do século XIX, que ocasionou um leilão realizado em 1892/93, que terá sido a primeira venda publicitada fotograficamente: um conjunto de cerca de treze imagens terá sido remetido para a ilha vizinha de São Miguel com destino a colecionadores. Todavia, os bens dos Condes da Praia terão alimentado vários colecionadores e *marchands*, constituindo-se quase como um selo de garantia sobre a qualidade da peça.

O outro acontecimento foi o leilão dos bens do aristocrata local Barão do Ramalho, realizado em 1914, que também terá redistribuído bens

oriundos da casa dos Condes da Praia, além dos bens do próprio Barão. Aliás, um dos seus herdeiros, Emídio Lino da Silva Júnior, na sua dupla faceta de colecionador e *marchant*, terá contribuído para essa dispersão junto de colecionadores com menos posses, ao selecionar e categorizar, segundo o seu critério, o que integrava na sua coleção e o que vendia.

De qualquer forma, um volume significativo dos bens colecionados é oriundo dos equipamentos domésticos de habitações do meio rural, local por onde tinham sido dispersos por intermédio da aristocracia decadente de final de oitocentos (Martins 1980), ou em resultado das produções artesanais locais. Por isso, é só nos anos 50 do século XX que se deteta a compra de bens por estes colecionadores em antiquários continentais.

Outro aspeto que caracterizou o ambiente colecionista terceirense da primeira metade do século XX foi o da presença de alguns colecionadores (nacionais, ingleses e, mais tarde, norte-americanos) que descobrem o espaço insular, aquando da permanência nas ilhas de contingentes militares no período do segundo conflito mundial. Trazem ao arquipélago *connoisseurs* e pessoas com ligações aos meios do antiquariato lisboeta que começam a adquirir peças, sobretudo nas freguesias rurais da ilha (Bettencourt 2010), num processo idêntico ao relatado pelo também colecionador João Gomes Vieira sobre a ilha das Flores, onde a permanência de um contingente militar francês teve o mesmo tipo de comportamento relativamente à recolha de antiguidades locais

(Vieira 2003). Ambas as situações identificam como fator motivador de colecionar objetos locais, o abandono progressivo de uma sociedade rural e tradicional, em favor da lenta integração da economia numa sociedade de consumo, produtora de mais e diferentes bens, que suscitou a necessidade de colecionar para memorializar o passado através dos seus objetos representativos, entretanto retirados do circuito dos “objetos úteis” (Belk 1995).

As coleções que foram constituídas compunham os interiores domésticos e eram, sobretudo, compostas por peças de mobiliário dos séculos XVII, XVIII e XIX, cerâmicas dos séculos XVIII e XIX e pratas (Martins 1980). Por outro lado, não denunciavam programas de recolha sistemáticos: cumpriam, essencialmente, uma função decorativista e de valorização familiar. A exceção à aleatoriedade das recolhas centra-se em Frederico Lopes que, desde os anos 40, colecionava com vista à constituição do acervo do museu.

O mercado era, desde logo, limitado pela própria geografia da ilha, desse modo, as interações entre colecionadores estabeleciam-se com base na horizontalidade dos grupos sociais, dentro dos quais se proporcionavam as trocas (heranças, doações e vendas), as oportunidades de apreciação e convívio e a partilha de conhecimentos. A função de *marchand*, que alguns destes colecionadores exerciam, garantia também a redistribuição vertical dos bens possuídos pelas elites aristocráticas e alienados quando em decadência.

Um colecionador/conservador ...

Manuel Coelho Baptista de Lima nasce em Angra do Heroísmo, em 22 de Agosto de 1920. Licencia-se em Ciências Histórico-Filosóficas na Universidade de Coimbra, em 1943, e conclui o curso de Bibliotecário-Arquivista na mesma universidade, em 1945. Embora ambicione uma carreira académica na área da História, inicia a sua carreira profissional como bibliotecário arquivista na Biblioteca Pública de Évora (Julho de 1945 a Novembro de 1946) e na Biblioteca da Assembleia Nacional (Dezembro de 1946 a Fevereiro de 1949).

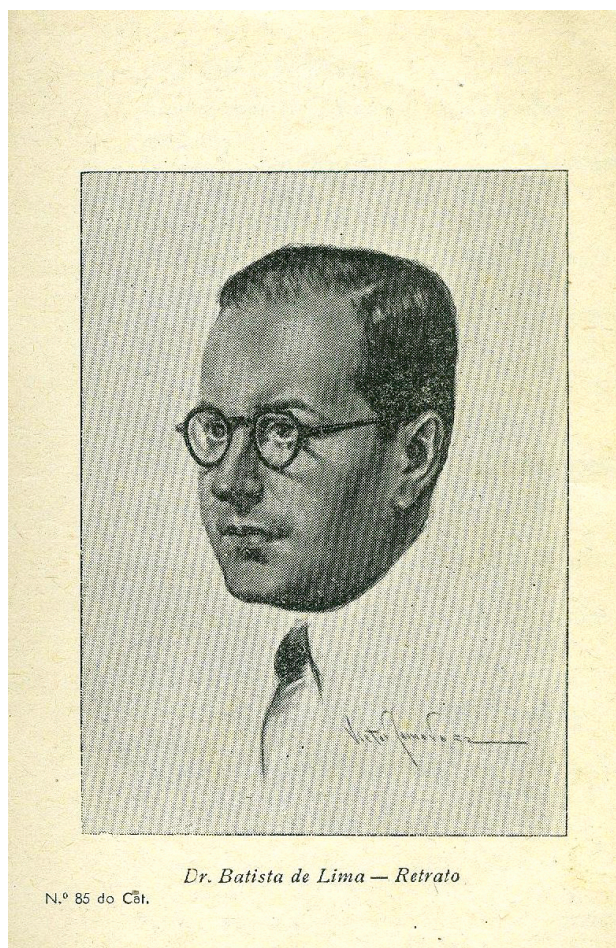


Figura 1 Vítor Câmara. Retrato de Manuel Coelho Baptista de Lima. Óleo s/tela. 1957 © MAH

A proximidade aos intelectuais do Instituto Histórico da Ilha Terceira, aliada à especialização técnica dos recursos humanos pretendida pela administração regional permitiu que, em março de 1949, após uma curta comissão de serviços em Angra para proceder às incorporações iniciais de núcleos documentais, Manuel Coelho Baptista de Lima fosse nomeado diretor do Arquivo Distrital e, em Abril do mesmo ano, diretor do Museu de Angra do Heroísmo.

Com um acentuado investimento formativo na área dos arquivos e das bibliotecas, à museologia, enquanto disciplina de estudo, dedicar-se-ia a partir de 1967 quando, entre Novembro desse ano e Março do ano seguinte, frequentou o curso de Museologia da *École du Louvre*, antecedido, um ano antes, por um curso de História da Arte na mesma instituição, preferindo-os aos estágios para conservadores de museus, cuja realização incumbia ao Museu Nacional de Arte Antiga. Além dessa formação internacional envolve-se e estabelece (colecciona) uma rede de relações institucionais e pessoais, nacionais e, sobretudo, internacionais, incentivadas em 1971, quando integra a primeira delegação portuguesa a uma conferência geral do *International Council of Museums* (ICOM), a IX.^a, em Paris e Grenoble, participação que repete nas assembleias-gerais e no comité de segurança de 1974, 1977, 1978 e 1979, também na Assembleia Geral do *International Council on Monuments and Sites* (ICOMOS), de 1981.

Assume uma visão do museu e do património, em que a construção e a representação da

identidade se operacionaliza pelo enriquecimento das coleções para que, entretanto, tinha vocacionado o acervo: a coleção militar como representativa do papel da Terceira nas dinâmicas do Atlântico, entre os séculos XV e XX.

... e a sua coleção

Mas, na sua vida privada, Baptista de Lima também se dedicou a rodear-se de uma coleção de objetos que permaneceu envolta numa “invisibilidade”, a que só a partir dos anos 90 se qualifica pela grandiosidade numérica e raridade, mas de que ninguém sabia, exatamente, de que era composta e que dimensão física e simbólica assumia.

Composto por um núcleo central de trajes e acessórios militares, mas também por armas, falerística, vexilologia, equipamentos, instrumentos e documentos (manuscritos, impressos, fotográficos e cartográficos), a lógica do conjunto assenta na ideia da caracterização e documentação sistemática da estrutura da hierarquia militar portuguesa, visível pela existência de séries completas de fardamentos consoante as épocas e os regulamentos aprovados e publicados, e onde os subtemas das duas guerras mundiais abrem nichos sobre as realidades extra nacionais.

O seu levantamento possibilitou a verificação de que a natureza da coleção privada é uma extensão da coleção pública, cuja estruturação em subcoleções Baptista de Lima caracterizara em *The Military Section of the Angra do Heroísmo Museum* (Lima 1969) e que

determinará o arranjo museográfico do MAH até ao final dos anos 70.

A harmonia temática dos dois conjuntos admite que a sua percepção seja global, indistinta, como se, desde sempre, a vertente pessoal e a institucional fossem, apenas, dois núcleos de uma mesma coisa, dois segmentos de uma mesma coleção, com a qual se pretendia construir uma representação social dos Açores e inventar uma centralidade, no âmbito do património militar na Terceira, justificada pela sua história.

Desta harmonia resultou uma promiscuidade recorrente e uma complementaridade entre ambas as coleções e os serviços satélite que lhe davam suporte.

De facto, os recursos existentes são usados em proveito da construção de conhecimento e o local onde essa amálgama mais parece fazer sentido é a casa do próprio colecionador, o espaço primordial da coleção que compunha um interior doméstico *sui generis* e a que o colecionador não parecia atribuir peso com vista à consolidação do seu prestígio social (Mateo 2010, 355). À exceção do escritório principal, onde algumas armas decoravam as paredes, toda a restante coleção invadia as outras divisões da casa, sem qualquer preocupação expositiva. Os bens acumulavam-se em malas de viagem, arcas, guarda-fatos e caixas de cartão, enquanto a biblioteca e o arquivo ocupava os dois escritórios e a totalidade da cave. A casa do colecionador/diretor parece ser a antecâmara do museu: local enigmático no interior do qual se processa a legitimação da transferência dos

objetos da sua quotidianidade para uma dimensão reconstruída da sua natureza, agora distinguida socialmente.

O processo de colecionar

À luz da tabela de motivações do colecionar de Ruth Formanek (1994, 327-335), Baptista de Lima situar-se-ia entre aqueles que pretendem reforçar o seu sentimento de pertença a um grupo e, dentro dele, alcançar um estatuto, e os que pretendem resgatar os vestígios materiais do passado construindo uma *memorabilia* representativa da memória coletiva.

De facto, se há relato de vida que se pautou pela busca da demonstração da capacidade de “pertencer” foi a de Baptista de Lima, e os seus instrumentos foram a posse de conhecimentos, de objetos e de relações. Em qualquer desses campos impressiona pela quantidade e qualidade.

O seu interesse pelos objetos é assinalável ainda enquanto estudante e entre os livros e documentos, omnipresentes, assinalam-se exemplares de numismática e armas (espingardas, pistolas e espadas) de que alguns lhe foram oferecidos. Já então é um comprador compulsivo, com avultadas aquisições em leiloeiros, antiquários e alfarrabistas de Lisboa e Porto.

Mas é na década de 60, depois da instauração do regime autonómico nos Açores (1976) e estabilizada a instalação das duas instituições que orientava, que se inicia um período de avultadas aquisições, quer para o acervo do

museu, quer para a sua própria coleção em hipotética reação, numa explicação psicanalítica, à frustração de um destino não cumprido. Em ambas, os processos de aquisição não se esgotavam com os fornecedores estabelecidos, já que a pesquisa de bens dispersos noutras entidades, e na posse de privados fortuitos, foram possibilidades também escrutinadas e coadjuvadas por uma rede de informantes que recorriam à publicação de anúncios nos jornais de Lisboa e Porto, cumprindo uma sistemática sinalização de bens que admitia uma certa promiscuidade entre a figura do comprador/conservador e comprador/coleccionador, cuja visibilidade era apenas possível na vertente pública desse colecionar.

O natural cuidado e preocupação do colecionador com o destino da coleção (Pearce 1992, 26; Pearce 1995, 250) apenas se manifesta, embora sem consequências, já no período de aposentação, verificada a impossibilidade institucional de reunião da coleção privada à coleção do museu.

Baptista de Lima configura, portanto, o tipo de colecionador sistemático e obsessivo (Pearce 1992, 81), com um investimento financeiro, emocional e temporal, pessoal e dos seus próximos, determinado e alheio a sacrifícios, inscrevendo na própria coleção uma substancial parte de si (Belk 1994, 321).

Com as suas coleções e a preocupação da sua permanência intacta na Terceira, procurou projetar-se no futuro e garantir a continuação da memória de si, uma certa espécie de

imortalidade por via da certeza em que os objetos que reunia eram fundamentais para a estruturação da identidade e da memória terceirense. Era um colecionador com uma missão.

A coleção privada no museu: como e para quê?

A inesperada morte do colecionador em 1996, proporcionou a aquisição de todo o seu espólio e a sua incorporação no Museu de Angra de Heroísmo. O conjunto integra um arquivo pessoal, a coleção de objetos e uma biblioteca, já que Baptista de Lima incorporou à segunda documentos das suas atividades profissionais, materiais relativos a projetos de investigação e/ou relativos a peças e temas de interesse, acrescentando-lhe uma biblioteca de referência que incluía não só monografias temáticas, mas também obras fundamentais para o estudo da própria coleção e de cada uma das peças em si, como manuais de instruções de equipamentos, cédulas de armamento diverso e ordens e regulamentos dos vários ramos das Forças Armadas.

Nessa comunhão unitária, a coleção fazia sentido – tinha um sentido – já que cada elemento perdeu a sua função primeira e torna-se um “objeto de coleção” (Baudrillard 1994, 24). Este entendimento torna-se por demais importante no plano da gestão da própria coleção. Contudo, a sua errância e fragmentação no próprio espaço do museu, a disparidade do seu tratamento e ausência de

disponibilização pública, parecem confirmar o apagamento tendencial da memória do indivíduo e o esquecimento e a desarticulação das conexões entre as coisas.

Não é inédita a incorporação nos museus de bens caracterizados pela diversidade de forma, suporte e proveniência e tal processo não apresenta incompatibilidade legal, a Lei-Quadro dos Museus (Lei N.º47/2004, de 19 de Agosto) não impõe limites tipológicos às incorporações, nem colide com o que os museus querem que seja o seu acervo, que se traduzem nas políticas de incorporação e nas missões que os próprios museus se autoinstituem. Não obstante, nesta liberdade de incorporação (que não é recente, entenda-se, já que com isso poderia querer ilustrar-se uma abertura a novos tipos de património e de bens nos museus), há distintas práticas de tratamento dos bens: sem surpresa, quando se trata de bens que pertencem à categoria dos objetos tridimensionais integram o inventário do acervo, mas quando se trata de outro tipo de bens (imagens fotográficas, livros, documentação diversa, manuscritos, cadernos de campo...) permanecem numa situação de “não tratamento” ou integram categorias especiais, que os dissociam do conjunto dos bens e os ostraciza em listas, dossiers e/ou bases de dados à parte.

Nesse sentido, o acesso à informação, proporcionada pelos bens da coleção Baptista de Lima, está limitado e reduzido à sua condição singular, apesar da existência de documentos capazes de proporcionar uma informação global, amplificada e exponenciada pela informação de

cada um, somada à informação resultante das interações de todos com todos e incompatibilizada com as necessidades informacionais dos diferentes utilizadores internos e/ou externos.

O seu tratamento implica a definição de planeamento para a estruturação dos “documentos” e da definição de termos de indexação, que permitam a pesquisa transversal e se compaginem com as necessidades informacionais dos utilizadores, internos e/ou externos, pela utilização de sistemas de inventariação informáticos que incorporem todos os bens que a integram, adequando termos de indexação de forma a garantir uma integradora e sistémica estruturação dos bens e da sua eficaz disponibilização pública.

Constituindo-se a coleção Baptista de Lima como um conceito operativo, seria o seu todo, e a necessidade/vantagem da sua disponibilização integral, a constituir-se como estruturante para a composição da missão, das funções e do arranjo expositivo do futuro núcleo de história militar que albergará a coleção de Baptista de Lima e que se projeta instalar no antigo edifício do Hospital Militar da Boa Nova.

Considerações finais

O estudo de caso proporcionado pela figura de Manuel Coelho Baptista de Lima (1920-1996), diretor da Biblioteca Pública e do Museu de Angra do Heroísmo, entre 1949 e 1985, que na esfera privada desenvolveu uma faceta de colecionador, mostrou-se fundamental para o

conhecimento do colecionismo privado açoriano no século XX. Na leitura panorâmica possível, verificou-se uma variável do “modo de colecionar” interpretada pelas elites intelectuais da periferia açoriana, em busca de uma forma de estruturar a construção e a representação da sua memória coletiva. Integrada nos valores do paradigma do Estado Novo, essa elite ocupava, também, os altos cargos do funcionalismo público na administração local, através dos quais teve a possibilidade de estruturar e implementar organismos para o fazer. O cruzamento de percursos pessoais, com o de Manuel Coelho Baptista de Lima, atribui-lhe o papel principal no cumprimento dessa missão.

Figura complexa, obsessiva e determinada que se relacionava muitíssimo bem, quer com os atores locais, quer com as tutelas do centro, constituiu, em ambos os organismos onde trabalhou, volumosas coleções, num processo de seleção e incorporação que se mostrou eficaz.

A coleção privada que reúne, tem como objetivo não assumido a musealização e a atribuição de uma dimensão pública, num claro propósito contemporâneo de, desde o primeiro momento, partilhar a coleção com o público, não o fazendo, paradoxalmente, em vida.

Ambas, pública e privada, assumem a expressão do seu próprio “Eu”, reagem às frustrações e vicissitudes do colecionador, que elege como temática única a documentação da realidade militar terceirense, arquitetada numa modalidade bipolar materializada em duas (sub)coleções que se completam e de que dificilmente se pode falar separadamente, já que

traduzem uma mesma forma e motivo de/para colecionar.

Com o colecionado recupera uma memória esquecida (a do papel defensivo exercido pela ilha desde o povoamento) e demonstra a intenção de investir num património material não valorizado, a que confere uma dimensão de projeto global com projeção para a posteridade.

Até à instauração do regime autonómico, em 1976, num contexto regional de desarticuladas políticas culturais, interpretadas pelas Juntas Gerais e respectivos institutos culturais e incipientes políticas museológicas públicas, essencialmente da esfera municipal e local (além do MAH, apenas existiam nos Açores o Museu Carlos Machado, na dependência do município de Ponta Delgada e o Museu Etnográfico da Casa do Povo de Vila Franca do Campo, ambos em São Miguel, o Museu Rural da Casa do Povo dos Cedros e o Museu de Arte Sacra e Etnografia Religiosa da Horta, ambos no Faial, todos da década de 50), Baptista de Lima revê-se como ator principal de uma ação patrimonial e curatorial com expressão regional e é o espírito europeu nas ilhas que difunde conceitos e práticas desconhecidas, mesmo da realidade nacional.

Os ritmos e o volume de incorporações lembram a compulsão obsessiva e aditiva, confirmada pela progressiva incapacidade do seu tratamento, e o surgimento de locais de acumulação sem preocupação expositiva (institucionalmente) ou de partilha (no âmbito privado). Paralelamente, não demonstra um pensamento museológico *per si* ou com uma

visão operativa, é, antes, uma prática museológica que se reveste, fundamentalmente, da acumulação e da conservação para resgate de uma memória.

Adequadamente formado em História, bibliotecário e arquivista, e com propensão natural para o colecionismo, Baptista de Lima ensaiou, visionariamente, um sistema de informações composto por bens bibliográficos, arquivísticos e materiais, capazes de documentar a memória terceirense. O trabalho de uma vida não chegou a ser unificado enquanto a memória do indivíduo e a sua ação perdura no museu cada vez mais fragmentada, selecionada e mitificada. Há, porém, um reduto de materialidade dessa memória de Baptista de Lima que se concentra no seu espólio, cuja aquisição e incorporação no MAH repõe a ideia de que o museu é (deve ser) um sistema de acessibilização da informação, reunida sobre os objetos e sobre a cultura material da humanidade, que é suscitada por esses mesmos objetos.

A gestão integrada de bens nos museus, particularmente aqueles que provêm de conjuntos complexos, como os espólios pessoais e as coleções privadas, repletos de objetos de diferentes tipologias, suportes e funções, aponta para uma rutura com a visão tradicional das coleções dos museus organizadas com base nas características formais dos objetos. Um novo paradigma relacional onde todos os recursos convergem para a construção de conhecimento é a proposta metodológica que deverá presidir ao

tratamento e disponibilização da coleção Baptista de Lima.

Referências bibliográficas

- Baudrillard, J. 1994. "The System of Collecting" in Elsner, J. e Cardinal, R. (ed.), *The Cultures of Collecting*. London: Reaktion Books.
- Belk, Russel W. 1994. "Collectors and Collecting" in Pearce, Susan (ed.) *Interpreting Objects and Collections*. London/New York: Routledge.
- Belk, Russel W. 1995. *Collecting in a Consumer Society*. Londres: Routledge.
- Bettencourt, Jácome B. 2010. "Móveis da Coleção Francisco de Bettencourt" in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, N.º 19.
- Boletim do Instituto Histórico Da Ilha Terceira. 1945. Angra do Heroísmo: IHIT.
- Boletim do Instituto Histórico Da Ilha Terceira. 1947. Angra do Heroísmo: IHIT.
- Decreto-Lei N.º 37501/1940 (Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes). *Diário do Governo* I.ª Série, N.º 214 (1940.12.31).
- Decreto -Lei N.º 36842/1948 (Criação do Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo). *Diário do Governo* I.ª Série, N.º 91 (1948.04.20).
- Decreto-Lei N.º 37358/ 1949 (Criação do Museu de Angra do Heroísmo). *Diário do Governo* Iª Série, N.º 65 (1949.03.30).
- Formanek, Ruth. 1994. "Why They Collect: Collectors Reveal Their Motivations" in Pearce, Susan (ed.) *Interpreting Objects and Collections*. London/New York: Routledge.
- Gouveia, Henrique Coutinho. 1985. "Acerca do Conceito e Evolução dos Museus Regionais Portugueses Desde Finais do Século XIX ao Regime do Estado Novo" in *Separata de Bibliotecas, Arquivos e Museus*. Lisboa: IPPC, vol. 1, tomo II.
- Leal, João. 1997. "Açorianidade: Literatura, Política, Etnografia (1880-1940)" in *Etnográfica*. Lisboa: Centro de Estudos de Antropologia Social, Vol.1 (2).
- Lei N.º 47/2004 (Lei – quadro dos Museus). *Diário da República* I.ª Série-A, N.º 195 (2004.08.19).
- Lima, Manuel Coelho Baptista de. 1979. *The Military Section of the Angra do Heroísmo Museum*. Angra do Heroísmo: Tipografia Andrade.
- Martins, Francisco Ernesto de Oliveira. 1980. *Subsídios para o Inventário Artístico dos Açores*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura/Direcção Regional dos Assuntos Culturais.
- Martins, Rui de Sousa. 2003. "O Museu Terceirense. Benemerência Brasileira e Cultura Insular no século XIX" in *Ernesto do Canto. Retratos do Homem e do Tempo: Actas do Colóquio*. Ponta Delgada: Centro de Estudos Gaspar Frutuoso/ Universidade dos Açores – Câmara Municipal de Ponta Delgada.
- Mateo, Soledad Pérez. 2010. "El Interior Doméstico: Retrato del Coleccionista del siglo XIX" in *Actas do I.º Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*. Porto: Fundação António Cupertino de Miranda, vol. I.
- Museu de Angra do Heroísmo. 1969. *Roteiro do Museu de Angra do Heroísmo*. Angra do Heroísmo: Ministério da Educação Nacional/Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes.
- Museu de Angra do Heroísmo. 1983. *Folhas de Sala das Exposições do Museu de Angra do Heroísmo*. Angra do Heroísmo: Museu de Angra do Heroísmo [doc. policopiado].
- Museu de Angra do Heroísmo. 1965-1983. *Relatórios de Atividades do Museu de Angra do Heroísmo: Anos de 1965 a 1983*. Angra do Heroísmo: Museu de Angra do Heroísmo [doc. policopiado].
- Ormonde, Maria Helena de Meneses. 2000 "O Museu de Angra do Heroísmo: Memórias e Identidades de um Museu Regional" in *Sob o signo da Etnografia. As Origens de um Museu Regional*. Catálogo da exposição. Angra do Heroísmo: Museu de Angra do Heroísmo.
- Pearce, Susan Mary (ed.). 1992. "Collecting: Body and Soul" in *Museums, Objects and Collections: A Cultural Study*. Leicester: Leicester University Press.

RIBEIRO, Maria. 2013. Entre Oportunidade e Novidade. Manuel Coelho Baptista de Lima e o Património Açoriano. *Ensaaios e Práticas em Museologia*. Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DCTP, 2013, vol. 3, p. 102-116.

Pearce, Susan Mary (ed.). 1995. *On Collecting: An Investigation into Collecting in the European Tradition*. Londres, Routledge.

Ribeiro, Maria Manuel Velásquez. 2012. “Francisco Ernesto de Oliveira Martins: A Invenção de uma Coleção” in *História da Arte nos Açores*. Angra do Heroísmo: Direcção Regional da Cultura.

Roteiro dos Museus Dos Açores. 2006. Angra do Heroísmo: Direcção Regional da Cultura.

Semedo, Alice. 2010. “Estudos e Gestão de Coleções: Práticas de Formação e Investigação” in Granato, Marcus (Coord.) *Coleções Científicas e de Ensino*. Rio de Janeiro: MAST – Ministério Ciência e Tecnologia.

Vieira, João Gomes. 2003. *O Homem e o Mar: Artistas Portugueses do Marfim e do Osso dos Cetáceos – Açores e Madeira – Vidas e Obras*. Lisboa: Intermezzo- Audiovisuais, Lda.